

1

INTRODUÇÃO

Armando Coelho Ferreira da Silva

Alice Semedo

A motivação subjacente ao lançamento deste livro é, em primeiro lugar, homenagear a obra de Fernando Bragança Gil e agradecer publicamente o apoio inestimável que sempre prestou ao Curso de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Museólogo com créditos firmados, Fernando Bragança Gil teve um papel decisivo no desenvolvimento da museologia portuguesa, manifestando uma extraordinária generosidade e abertura em relação às novas problemáticas e projectos.

Assim, este livro propõe um conjunto de reflexões sobre a *condição contemporânea* dos museus universitários com especial destaque para os museus com colecções de ciências físicas e tecnológicas. Os textos apresentados cruzam abordagens e olhares múltiplos e reflectem não só as experiências que o sector conhece actualmente ao nível da investigação, gestão, preservação e interpretação dos seus acervos mas também o aprofundamento de questões que dizem respeito à sua missão como *instituições-âncora* das sociedades de aprendizagem e do *capital-criativo* de que depende o seu desenvolvimento.

Iniciamos, pois, esta reflexão pela mão de Fernando Bragança Gil que nos coloca uma série de questões relacionadas com o próprio conceito de museu universitário. O colóquio realizado em Coimbra em 1978 — que teve por tema estes museus e a sua inserção activa na cultura portuguesa — constitui o ponto de partida deste texto que retoma questões então levantadas, nomeadamente, as que se referem à constituição, planeamento e gestão destes museus. Os casos dos museus das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra são aqui apresentados criticamente. Apesar do alheamento recíproco em que vivem as comunidades museológica e universitária, nas próprias palavras do autor, reforça-se a sua natureza científica como instituições de investigação, ensino

e divulgação científica. Apontam-se, porém, alguns sinais de mudança e reorganização a nível internacional, que pretendem inverter esta situação de apartamento, adoptando estes museus um papel determinante não só como arquivos históricos únicos e insubstituíveis mas também como verdadeiros recursos activos na definição e interpretação da nossa identidade cultural. Mais advoga este autor, que, pela sua especificidade e transversalidade, podem constituir-se como verdadeiras “janelas” da universidade para a comunidade, desenvolvendo pontes que podem assumir formas diferenciadas mas que sempre procurarão a relevância e interesse público. O património intangível enquadra-se, igualmente, numa das preocupações actuais dos nossos museus, sendo crescentemente estimado nos museus de ciência e técnica. A formação em museologia é, ainda, proposta como uma necessidade para o exercício do cargo de director destes museus.

O grupo de textos que se apresenta num segundo momento dá voz aos próprios museus que neste livro consideram as suas próprias práticas e projectos.

Helena Caldeira e Ermelinda Antunes, do Museu de Física da Universidade de Coimbra, partem de uma análise da constituição do espólio do Museu, realçando a actualidade da filosofia subjacente à metodologia preconizada pela reforma pombalina no que diz respeito não só ao seu carácter eminentemente experimental mas também ao reconhecimento da importância da história e da natureza do conhecimento científico e da sua evolução na aprendizagem das ciências. A participação na exposição *Mécanismes du Génie* na Europália, em 1991, é referida como tendo sido a oportunidade de viragem para a re-constituição deste Museu que abriu, finalmente, ao público em 1997. Para além dos espaços expositivos, o restauro, a criação de condições de preservação das coleções em reserva e de acessibilidade à documentação bibliográfica, foram, igualmente, consideradas prioritárias. A função educativa e o seu contributo para o melhoramento da cultura científica da comunidade em que está inserido é, também, um dos princípios orientadores deste museu, abrangendo não só os públicos universitários mas apostando, fortemente, nos públicos escolares do ensino básico e secundário. As autoras propõem um museu mais criativo, que não se limite a divulgar a ciência mas que aja como um verdadeiro espaço cultural, acolhendo diferentes tipos de actividades e

eventos. Seguindo a tradição anglo-saxónica de estudos sobre comunicação e públicos, este capítulo apresenta ainda uma crítica das exposições e programas educativos que pressupõem visitantes passivos, apresentando a visão construtivista como uma alternativa a adoptar pelos nossos museus. Estas exposições e programas devem, agora, centrar-se mais em conceitos e ideias que em objectos, o que implica, igualmente, uma nova abordagem dos estudos de avaliação a realizar. A inclusão de componentes *hands-on* é apresentada como fazendo parte desta alternativa, a qual reconhece a utilidade destes componentes na dimensão afectiva da aprendizagem.

O projecto museológico de prefiguração do Museu das Ciências da Universidade de Coimbra é analisado neste terceiro capítulo pelo Doutor Pedro Enrech Casaleiro. Este conceito inovador de intervenção museológica alicerça-se, mais uma vez, nos estudos de avaliação de tradição anglo-saxónica e, concretamente, no modelo já desenvolvido pelo Museu de História Natural de Paris. Esta abordagem pressupõe uma constante experimentação e avaliação de formatos expositivos e de modelos de operação. O *Laboratorio Chimico*, pelas suas características, presta-se a desenvolver este projecto-piloto. O autor explora estas características, realçando o valor do edifício, as suas colecções e natureza científica, sublinhando a lógica interdisciplinar da filosofia expositiva que este projecto propõe. A inovação e actualização constante das filosofias expositivas dos museus de ciências, utilizando diferentes tecnologias e estratégias de comunicação, fazem, aliás, parte da tradição dos museus de ciência. Para além destes princípios, este projecto procurará diferentes níveis de interpretação apelativos aos diferentes segmentos do público, promovendo a interdisciplinaridade e a diversidade em termos de públicos visados. Os conteúdos terão como ponto de partida a temática da ciência e a memória do lugar que tem como eixo interpretativo a história do principal objecto — o edifício — e do paradigma da ciência experimental e que não esquecerá parcerias possíveis entre a ciência e a arte.

Moreira Araújo e Marisa Monteiro, do Museu de Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, optaram por examinar algumas das questões que se relacionam com a história da colecção de ciências exactas deste museu e que o contextualizam, propondo alguns caminhos de desenvolvimento deste museu. Da Universidade do Porto chegam-nos, ainda, outro grupo de

textos da Faculdade de Engenharia que na exposição “FEUP Museu/Em construção/Em discussão” em 2004, propôs um programa para o seu museu, que parte do inventário, conservação e estudo da colecção como plataforma inicial. Susana Medina descreve-nos, no seu texto, a complexidade da tarefa de cartografar a memória desta instituição a partir da sua cultura material e explora, ainda, a natureza destas colecções, justificando não só a necessidade do seu estudo para a compreensão destes estabelecimentos de ensino e investigação mas também as suas particularidades no que se refere à gestão destas colecções. Com base no exemplo da colecção do Gabinete Cinemático e do motor De Havilland “Goblin” MK 35, a autora apresenta uma reflexão sobre a relação colecionador-objecto e as suas afinidades com o território da representação e da celebração. Estas são noções que se relacionam com a vontade crescente de afirmação das universidades através, nomeadamente, da exposição do seu passado e do seu *poder* como produtoras de Conhecimento. Argumenta, igualmente, que cabe aos museus universitários não só investigar este capital intelectual *materializado* mas também interpretá-lo, representá-lo, tornando-o acessível a públicos internos/externos ao mundo académico. Só assumindo esta posição, podem os museus universitários de ciência apresentar-se como parceiros para renegociar o contrato entre a ciência e o conhecimento, uma vez que são lugares ideais para explorar a transversalidade e multidisciplinaridade que a discussão das questões contemporâneas exige. Termina por apresentar um modelo de adaptação a este formato de museu universitário para o museu da FEUP, oferecendo uma série de sugestões que englobam os diversos campos da acção museológica. Natália Fauvrelle e Fortunato Carvalhido estudaram duas colecções deste museu: a colecção de modelos didácticos de distribuição de vapor de J. Schröder e a colecção do Gabinete de Topografia, respectivamente. Aplicando modelos de estudo similares, estes estudos debruçam-se, não só sobre a história, proveniência, características materiais, funcionais e tipológicas, sobre os conceitos que estes objectos pedagógicos procuram explorar/explicitar, mas procuraram igualmente, realçar a sua relação com os modelos didácticos e o sistema de ensino em que foram utilizados.

O Instituto Superior de Engenharia do Porto alberga um importante espólio no Museu Parada Leitão. Patrícia Costa é, desde há alguns anos, uma das responsáveis pela preservação, estudo e interpretação destas colecções.

Percorrendo momentos-chave do seu percurso, o seu texto procura estabelecer relações entre o lema “saber fazer” do séc. XIX, e dos princípios do séc. XX e a própria história das colecções e deste estabelecimento de ensino. A função de educação destes museus é, mais uma vez, apontada como central no desenvolvimento da sua missão que implica novos tipos de exposição e um novo entendimento do conceito de visitante. Carlos Loureiro, por sua vez, apresenta-nos uma proposta de exploração do Museu Industrial e Comercial do Porto cuja criação se insere numa conjuntura europeia e nacional materializada numa série de medidas tomadas pelo governo português em relação ao ensino industrial e comercial. A importância deste Museu para o ensino industrial e comercial, a sua relevância para o desenvolvimento da indústria e do comércio, as singularidades que estiveram na base da sua fundação e o seu impacto na sociedade nacional e portuguesa, constituíram-se como a base deste estudo.

Liba Taub — directora de um dos mais importantes museus universitários europeus — o *Whipple Museum of the History of Science* da Universidade de Cambridge, propõe-nos, igualmente, uma pequena viagem através da história deste museu analisando a sua relação com a própria constituição da História da Ciência como disciplina autónoma de estudo e investigação. Na verdade, o *Whipple Museum of the History of Science*, é apresentado como um recurso essencial para o estudo da história e da filosofia da ciência. Aliás, a sua missão é definida a partir desta premissa que é aqui discutida pela autora. Uma das características deste museu reveladora desta natureza é a de encorajar, permanentemente, o Departamento de História e Filosofia da Ciência (entre outros departamentos da universidade) a utilizar as suas colecções no âmbito dos seus programas de estudo e investigação. A organização das suas reservas e exposições, bem como outros programas de interpretação/mediação, revelam, igualmente, este comprometimento. Os resultados desta abordagem são bastante expressivos e têm resultado num grande número de publicações e exposições sobre as colecções do museu e sobre a cultura material da ciência. O museu é ainda um local por excelência para a formação de profissionais do sector, promovendo a realização de estágios nas mais diversas áreas.

O texto seguinte é uma reflexão sobre a função de comunicação em exposições de ciência. Jean Davallon, da *Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse*,

inicia as suas considerações partindo da conceptualização contemporânea do papel do museu como instituição cultural e argumentando que se justifica plenamente, que os museus de ciência e técnica prestem a maior atenção a estes desenvolvimentos. O processo social de comunicação é considerado central para esta discussão e para o entendimento do funcionamento comunicacional das exposições de ciência.

Por último, apresentamos dois textos de docentes da Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, em jeito de conclusão, problematizam a natureza do museu universitário e as suas missões. Pedro Borges de Araújo parte de uma reflexão sobre a construção dos lugares/o projecto de museu para o questionamento do possível lugar museológico de um museu desta natureza. Alice Semedo discute algumas das questões que se relacionam com a re-invenção dos museus universitários de ciências físicas e tecnológicas, chamando a atenção para algumas das mais difíceis áreas tais como a procura de relevância e o seu papel como catalizadores da cultura científica no mundo contemporâneo.

As universidades portuguesas vivem, actualmente, transformações profundas a que os seus museus não podem estar alheios. Devem, pelo contrário, assumir o seu papel como instrumentos-chave dessa mudança, enquanto espaços de investigação abertos e de diálogo entre as universidades e as diferentes comunidades. Este livro de homenagem ao fundador de um museu de ciência inovador, investigador da ciência e museólogo, que sempre assumiu uma posição crítica mas aberta a novos projectos, pretende, pois, apresentar não só meras reflexões sobre os caminhos percorridos mas também incentivar propostas que apoiem a identidade comum deste grupo de museus.

